

# LUZ MATINAL



PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO

Orgão da Sociedade União ás Lettras

ANNO I

Aracajú, 26 de Julho de 1882.

NUMERO 6

## Noticiario

### Expedição científica

O governo francês pretende pedir ás camaras um credito para uma expedição aos polos.

Esta expedição vai ser organizada de acordo com a Inglaterra, a Alemanha e a Suecia.

Trata se de ir fazer observações meteorológicas, durante dois anos consecutivos, no polo do Norte e no polo do Sul.

A França e a Alemanha enviam cada uma um navio ao polo do Sul; a Inglaterra e a Suecia farão o mesmo para o polo do Norte.

O coração de mai é a obra prima da natureza.

Gretzy.

**Monumento.** — Em S. José do Norte, no Rio Grande do Sul, vai erigir-se um monumento à Garibaldi, no lugar em que elle salvou as vidas de 200 e tantas pessoas, no tempo da revolução.

Garibaldi não foi unicamente uma espada valente, foi também um desvelado amigo da humanidade.

## Sciencia

### Clima.

Os climas quentes, que se estendem, em um e outro hemisferio, desde o equador até o 30° de latitude, compreendem uma grande parte da America meridional, da Africa, da Asia, da Nova Holanda, da Nova Guiné e um grande numero de ilhas. A temperatura media dessas diversas regiões é de 32° a 43° centígrados. O que algumas autores tem dito do calor-

do Senegal e do centro da Africa parece ser inteiramente exagerado. Os viajantes de boa fé não dão sua temperatura alem de 42°.

Segundo as observações do sr Pissis, a temperatura media do Rio de Janeiro é de 18° 1/2 R., ou 23, 4 do thermometer centígrado, ao nível do mar.

Segundo as observações feitas do 1.º de fevereiro de 1813 até 31 Janeiro de 1814, a temperatura media do Rio de Janeiro foi, no mes de Janeiro, de 23° de Réamur; no de fevereiro, 21; no de março, 20; no de abril, 15; no de maio, 17; no de junho, 16; no de julho, 16; no de agosto, 15; no de setembro, 16; no de outubro, 18; no de novembro, 20; no de dezembro, 21.

O thermometer na zona torrida sustém-se constantemente acima de 12° centígrados. Se desce ás vezes até zero ou nível do gelo é só por circunstancias locaes.

Apezar da serenidade constante do céo durante a maior parte do anno nas regiões equinociaes, as chuvas são nellas mais abundantes do que nas outras zonas. Nas mesmas regiões observam-se, mais frequentemente do que nas outras partes, grandes commoções da atmosphera.

Os climas extremamente frios, entre os quaes, contamos: a Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, Siberia, Laponia, Islandia, Groenlandia, Kamchatka, a Nova Zembla, o Spitzberg, apresentam, com os paizes precedentes os maiores contrastes. Disse que, no Equador, o thermometer centígrado eleva-se até 43 graus; no septuagésimo quinto paralelo, e especialmente na ilha Melville, tem se visto descer até o quinquagesimo abaixo de zero.

Nota se, á 80° de latitude, entre o minimum do inverno e o ma-

ximum do verão 81 graus de variação, isto é, 50 abaixo e 31 acima de zero. Esta ultima temperatura (+ 31 graus) parece a principio bem maravilhosa; mas atendendo se que nestas regiões glaciaes o sol conserva-se sobre o horizonte sem interrupção desde o equinocio da primavera até o do outono, facilmente se comprehenderá como nesse longo dia de 6 meses a accão continua dos raios solares é suficiente para aquecer o ar. Além das influencias locaes, as chuvas são mais raras à proporção que se adianta para o norte. Depois do 55º de latitud, e o equinocio de setembro, a agna contida no ar cahe frequentemente debaixo da forma de nevo ou saraiva.

O frio, a immobildade, o silêncio da morte reinam na atmosphera. Não vizinhanças dos polos nuca aparecem raios, relâmpagos, nuvens d'água, berrascas, nem furacões. Com quanto seja nocivo o seu excesso, o calor não pode deixar de ser considerado como um princípio vivificante da natureza, e por isso, além dos limites da zona temperada do lado do norte, as especies viventes soffrem ou cessão de existir. As arvores só chegam á altura do arbustos; o mesmo decrescimento sentem todos os vegetaes. Esta lei da degeneração tambem existe na especie humana; sabe-se quanto é pequena a estatura das raças lapoias, dos Samoiedas, dos Ostiacos, dos Esquimós.

Os climas temperados, situados entre os dous extremos, do trigesimo até o quinquagesimo quinto grau de latitude, são os mais agradaveis para se habitar. Estes climas comprehendem, quasi toda a Europa, a alta Asia, a grande Tartaria, o Thibet, parte da China, o Japão, a America Septen-

trional, o Cabo da Boa Esperança, a terra de Diemen, a Nova Zelândia, parte do Chile, República Argentina, Uruguai, no Brasil, a província do Rio Grande do Sul, etc. É raro que nestas regiões o calor se eleve acima de 37° e desça de 18 graus abaixo de zero.

Não apresentam estes climas, como as regiões tropicais, a beleza da vegetação, a excellencia dos sabores, a riqueza dos perfumes, o brilho das cores; mas a serenidade do céo propicio aos frutos da terra, não obriga os habitantes dos países temperados a lutar incessantemente contra a sua inclemencia. Entretanto esta zona também tem suas vicissitudes atmosféricas.

Passo agora a dizer algumas palavras acerca das influencias locais, ou dos climas accidentais e particulares, que se distinguem em cada uma das grandes zonas terrestres que deixei indicadas.

Bem que o hemisferio meridional receba os raios solares na mesma direcção que o hemisferio boreal, é entretanto sensivelmente mais frio em latitude igual. A diferença é sobretudo notável nos polos; a media das temperaturas do polo antártico, ou do sul é de 23° abaixo de zero, entretanto que a do polo artico, ou do norte é de 46°.

A immensa extensão dos mares no hemisferio austral explica em grande parte este phänomeno.

Pela mesma razão, isto é, pela

menor elevação da temperatura do ar sobre a agua do que sobre os continentes, as águas são mais temperadas do que a terra firme, debaixo da mesma latitude.

Porem a influencia mais notável das localidades sobre os climas observa-se nas montanhas altas, e sobretudo nas dos países quentes, subindo da base ao cume, observam-se, em algumas horas os climas permanentes da maior parte do globo.

Na base das montanhas, os calores do equador e do verão; no cume, os gelos perpetuos dos polos e do inverno, e nas alturas intermedias, as graduações das zonas temperadas, da primavera e do outono. A vegetação segue o mesmo progresso nesta escala rápida, como no globo inteiro; ricas e vigorosas na base, como debaixo do equador, as plantas diminuem a proporção que se approximam do cume; as que aí nascem tornam-se moitas, languidas, e subindo à altura de 2000 toezas, já não se encontra vegetação alguma. Saber-se que, por causa da elevação do terreno, a cidade de Quito, bem que situada debaixo da linha, goza do clima das regiões temperadas, e que os Andes do Perú estão constantemente cobertos de neve.

A vizinhança dos pantanos influe muito na insalubridade do clima. Tanto é nociva a vizinhança destes lugares, quanto é salutar a das matas. Enriquecem o ar de uma

prodigiosa quantidade de oxigeno, quando são aquecidas pelos raios solares; entretem uma frescura habitual na atmosphera, durante o verão, e no tempo de inverno diminui a violencia do frio, paralisando o curso impetuoso do vento.

As vastas planicies continentais estão expostas à todas as vicissitudes atmosféricas, e a todos os ventos; são mais quentes no verão e mais frias no inverno.

Tem-se observado que a cultura das terras torna os países muito mais quentes do que eram antes de serem cultivadas. Este facto não tem ainda explicação satisfatória. É facil conceber-se que o esgotamento d'um pantano torne sadia uma região.

Mas porque é que a cultura da terra produz maior somma de calor?

Ignora-se.

Entretanto, o facto é indubitable. A antiga Gallia e a Germania eram realmente mais frias do que o são hoje.

O que prova isso de uma maneira inquestionável, é que muitos vegetais, que não podiam acclimatarse no tempo de Cesar e de Tacito, são hoje mui communs nestes países.

O conhecimento da topographia de um lugar não é suficiente para determinar se o clima é ou não saudável. A terra, na sua rotação, atravessa camadas de ar que tem qualidades diferentes, e é neces-

## FOLHETIM

A H Y

POR

J. P. S. LEINKE

IV

PARTIDA

Aoitin sentiu-se outro. Aquela—amo-te—da desenvolta e graciosa donzella, havia deixado a alma do moço cheia de inquietação. Quem sabe se Mery, pai de Ahy, consentiria na sua união?

Havia entre elle e ella, a virgem de seus sonhos, um abysmo que nenhumlynca poderia medir. Elle pobre, sem familia, so no mundo. Ella a filha do cacique da tribo, a mulher mais bela entre suas

companheiras! O pobre rapaz engolou-se na sua tristeza habitual, que ha tantos annos o matava.

Com a fronte pendida, meditava na sua união com a mulher que amava; união impossível, porque Mery era bastante orgulhoso, e apesar de muita amizade dedicar-lhe, o orgulho não concederia dar passo. N'essas horas de incerteza e de dúvida a alma como que aniquila-se. Ela não pode viver sem esperança, disse um grande poeta da antiguidade.

E no entanto Aoitin teria desfoblado a ultima esperança, o ultimo recurso que conforta o homem desprotegido da sorte? Não, e elle assim comprehendeu.

A' noite, Mery estava sentado na sala. O moço encaminhou-se tremulo. O solo fugia de seus pés; o seu sol dourado estava no occaso. Pobre criança! Ha na vida soci-

al um abysmo que se abre entre os pés do rico e do pobre, do poderoso e do fraco. Oh! e quantos males não sofre a humanidade por uma tão dura lei?

Aoitin quiz fallar; abrio a boca, forcejou; e finalmente confuzo e aterrado confessou ao seu protector o louco amor que o matava, vindo supplicar-lhe que consentisse tornal-a por companheira.

O egoísmo e o orgulho ascendendo as faces do velho. Um—não—duro, que assemelhava-se a uma sentença de morte ferio os ouvidos do moço louco.

E' esta a palavra que lança a alma do homem nas trevas do desespero; é esta a phraze que lança ao pô a pobre estrella do futuro. O moço levantou-se; cambaleava como um homem entregue ao alcool; reconheceu que era preciso fugir envergonhado da presen-

sario que a atmosphera gyra com toda a terra, para que o clima de cada paiz se conserve permanente.

## SEÇÃO HISTÓRICA

Chegada de D. Pedro em Portugal; a sua entrada na cidade do Porto; primeiras operações militares.

Chegou D. Pedro à França no mezo de Junho de 1831, partiu logo para Londres, d'ahi para Pariz, e outra vez para Inglaterra, assumiu o seu título de Duque de Bragança, e collocando-se a frente da grande e arduta empreza de restituir o trono a sua augusta Filha, e a Carta constitucional a estes reinos, embarcou no dia 2 de fevereiro de 1832 na baixa de Belle Isle, publicou o seu famoso manifesto, e no dia 10 desaferrou a pequena frota demandando as águas dos Açores.

No dia 30 de junho, o Imperador D. Pedro, que já tinha assumido a Regencia, passou revista em Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) ao pequeno exercito libertador, que segundo a relação do coronel Hodges, as dificuldades que houve em vencer em Inglaterra, tanta pecunaria como outras que provinham dos agentes de D. Miguel e seus protectores em Londres, para mandar à ilha de Belle Isle e d'ali para a ilha Terceira, transportes, vasos de guerra, armamento, mu-

ga daquelle que o matava moralmente, e retirou-se.

Erão 8 horas da noite.

Ao chegar no quarto, dos últimos bruxulos de uma lampada suspensa ao velador, escreveu uma carta á Ahy, que depôz em cima da meza. Vestio uma grossa japonia, e com a fronte pendida continuou a meditar.

Bem perto de si, n'acova pegada a seu quarto, dormia Ahy, inocente como a rolinha solitária do sertão; vela elle, ainda ouvindo a palavra das profundezas horrorosas como o cauto das tristes arapongas do deserto.

Mergulhado na dor que o mata levou assim até quando o relógio da baixa sala de jantar pauzadamente bateu meia noite.

O jovem levantou a macilenta fronte; duas grossas lágrimas humedeciam-lhe as faces. Tudo dormia. «O deserto acorda a idéa do

nícões, gente e dinheiro, podem ver se na obra publicada pelo coronel Hodges em Londres em 1833, com o título de *Narrative of the expedition to Portugal in 1832, under the orders of his imperial majesty D. Pedro duke of Bragança*.

Finalmente, prompta a expedição composta de duas fragatas, uma corveta, dois brigues, quatro escunas e quarenta transportes, contendo três brigadas de artilharia de campanha, 8 300 homens de que eram combatentes, em parada pouco mais de 7.500, a frota que encerrava as esperanças e destinos da pátria, levantou o fogo pelas duas horas da tarde de 27 de junho de 1832.

Nesta força estavam comprendidos 541 oficiais, 463 inferiores, 188 músicos e tambores, 7.033 cabos anspeçados e soldados, inclusive 800 praças de prisioneiros feitos na Ilha Terceira e S. Miguel, muitos dos quais trocaram a divisa azul e branca constitucional pela azul e vermelha do seu partido, apenas se lhes apresentou ocasião favorável.

Os transportes vinham marcados com numeros que davam a entender que passavam de cem; artilharia de guerra que sabemos possivelmente produziu o efeito de apresentar maior força expedicionária.

A viagem foi prospéra, podendo

dizer-se como principe dos poetas Lusitanos:

Tão brandamente os ventos os levavam  
Como quem o Céo tinha por amigo;  
Serenó o ar, os tempos os mestravam,  
Sem nuvens, sem risco de perigo.

No dia 7 de julho já estavam na altura da Villa-do-Conde, e no dia seguinte começou o desembarque pelas duas horas da tarde na praia de Mindelo, e d'ahi a quatro horas toda a força terrestre ocupava as posições, retirando-se os inimigos que não ousara disputar o passo.

No dia 9, ao meio dia, entrou o Imperador na cidade do Porto, à frente do seu pequeno exercito, que estava bem longe de pensar que ia entrar n'uma dura, sanguinolenta e prolongada campanha.

No geral todos estavam persuadidos que era assumpto de dous ou tres meses.

O exercito inimigo em todo reino compunha-se de 79.523 homens e 3.778 cavallos.

O general Miguelista, visconde de Santa Martha, à testa d'uma boa divisão, abandonou a cidade do Porto, o mesmo fizeram todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas, e muitas pessoas de respeito e consideração, sem serem do partido de D. Miguel.

M. C. DA SILVEIRA.

(Continua.)

infinito, o silêncio da morte!»

Lembrou-se de fugir. Viver debaixo do mesmo tecto com aquella a quem daria a vida, se preciso fosse; receber daquelle, que desapiedado desfolhava as suas mais bellas esperanças da vida, o sustento, o amor paterno, ou talvez d'ahi por deante o desprezo, era para elle um impossível.

Lembrou-se também do seu pai, o olívido espetro daquelle que deixou o ser passou-lhe pela imaginação, como um sonho, e disse-lhe: «Sêde homem, levantai a fronte, e tende resignação!»

Aoitin sentia em seu espírito o impossível de sentir-se.

Abriu de leve a janella. A lua passeava pallida e alterna na concha dos céos. A lua às vezes como que chorava. Aoitín fitou-a. Além na extrema do horizonte estendia-se o nevoeiro.

Um leve suspiro pela segunda

vez arfado do moreno seio de Ahy, ferio e gelou a alma do jovem.

Ha momentos em que a palavra é o menos que fala, disse Palhares. Elle guardou silêncio.

A brisa beijava uma inocente rozinha, Aoitín balbuciou: são felizes!...

Esta phraze concentrava toda a tristeza impossível, na qual nadava o seu espírito. Seu coração como que havia gelado, paraíso.

Passou a mão na fronte; dentro ardia-lhe uma braza. Quando a aurora vinha raiando e já as estrelas não brilhavam com fulgor na concha celeste, Aoitín tinha sahido da casa de Ahy, com a tentação de não mais voltar.

Um adeus, esta palavra repassada de ternura, escapou de sens labios nessa hora, como uma idéa negra vòa pela fronte do criminoso.

(Continua.)

## Litteratura

---

### Cecilia

#### CONTO HISTÓRICO

Cecilia era uma dessas criaturas formosas na idade dos 16 anos, uma destas jovens sedutoras que ao vermos paramos momentaneamente, e a sós balbuciamos: que bela mulher! para depois continuarmos a nossa viagem levando n'alma milhões de sentimentos.

Nascida na bella cidade de Santos, na província de S. Paulo, possuia uma cor morena, uns olhos cheios de languor, uns lábios qual rubra aurora desprendendo do espírito imenso seus cabellos dourados! Era bela a creança!

Na idade mais chimerica da existencia, perdesse sua mãe; e ficaria só no mundo, se a providencia que soccorre aos afflictos, não lhe conservasse um tio que desvela se pela sua educação o bem estar.

Desde os dez annos achou este amparo, e esse alívio para as suas afflictões.

Assim cresceu Cecilia, e quando já contava 16 primaveras, via com os olhos cheios de lagrimas descer ao tumulo a unica criatura amiga e parente que lhe restava no mundo.

Com que pena, dor e afflicção não vio a desevolta creança Jorge (seu tio) prestes a morrer?!

Ai! quantas lagrimas não vorti am seus olhos em presença desta mão generosa que tantos carinhos lhe prodigaliza??

Qual o futuro, unico meditar do homem, era destinado a Cecilia?

A lagrima, o apanhado do triste. Assim meditava a moça chorando exasperadamente, até q' a morte, sem commover-se do seu pranto, gelou se mais um crâneo, puitrefez mais um corpo. Em presença do cadáver lívidio de Jorge, sua sobrinha ajoelhou-se reverente e tomado entre as suas a mão fria do tio, proferiu, entre soluços: — Basta que a sua filha seja tão feliz quanto desejava!

Nos fins de dous séculos antepassados reinava ainda na colónia poderosa de Portugal a crueldade e a devassidão, instituidos pela falta de instrução.

Não havia justiça, a justiça era

o poder e o poder era o punhal. De corridos oito dias depois do enterro de Jorge, estava já preparada a moça para entrar em um convento, quando um inesperado acidente veio por termo a sua aspiração.

No silêncio do claustro queria Cecilia chorar suas infelicidades, recordar seu passado e fazer votos ao Creador pelo tio que baixara à sepultura deixando a si neste val de lagrimas!

Na véspera da partida Cecilia dormia tranquilamente em casa com uma creada, quando acordou-se em sobre-salto, porque sentia passos no pavimento.

A porta do quarto estava cerrada apenas, e uma mão poderosa a abriu, assomando no limiar da alcova um vulto bediende vestido de preto.

A moça deu um grito, o eco repercutiu o alem.

Na cidade tudo dormia, somente agitava-se o mar.

O vulto encaminhou — Cecilia, disse ele, primeiro que tudo devo dizer-te uma phraze, que milhões de vezes tem sido pronunciada: — amo-te. A magnitude dos teus meigos olhos me seduziram! A tua infelicidade me compadeca e por isto venho te oferecer uma casa luxosamente mobilhada onde nada te faltarás!

— Señor, disse a moça tremula, é inqualificável sua ousadia, faça o favor de retirar-se nesse momento.

— Não me retirarei sem ouvir dos teus lábios um afirmativo; e dizendo isto depoz em cima da mesa um grande e reluzente punhal.

A creada havia, como muitas praticam, retirado-se de casa apoderando-se do sonno a que estava entregue Cecilia, deixando a porta do quintal quasi aberta.

— Não señor, o meu futuro será o claustro.

O señor não haja atrevér-se a abuzar da minha fraqueza.

— Porque não, minha senhora, trata-se de um negocio serio; a se chorar será minha ou não viverá mais.

— O señor é um miserável, disse a moça indignada, o señor...

Cecilia não pôde concluir a phrase insultuosa que ião proferir os seus lábios. A luz havia sido apagada, e mais dous vultos entraram no pavimento. A moça desmaiou . . . . .

Quando no dia seguinte a aurora vinha raiando do lado do Oriente, quando os pescadores sombrios voltavão da pesca encontrarião um cadáver de mulher boiando à tosa d'água, entre uns barrancos.

No entretanto tudo era vida e alegria na bella cidade de Santos!

J. P. S. LEITE.

### Pedido

E' noite bella, ao delirar do espeço  
A lua linda já patreia os céus,  
Brancas cortinas pela immensidão  
Oh! tu sorrias bem dizendo à Deus...

E tudo é linda! a natureza a virgem  
Chora tristonha, como chora o mar,  
O infinito com milhões de estrelas  
Não tem os raios desse teu olhar.

E pensativo nesta hora triste  
Além fitando o espelhar das águas  
Digo tristonho, qual sublime louco,  
Meu Deus, é virgem, dispensai-me as magas

Depois, risinho na vertigem douda  
Mirou-me triste neste teu olhar,  
Deixa que eu beba sequiozo a laça  
Oh! da-me a vida, p'ra poder te amar.

J. P. S. LEITE.

### Charadas

1—1—Na Itália esta palavra é nome de homem.

+

2—2—Sou fruto em Portugal.

+

2—2—Este animal, com outro animal forma um terceiro.

+

2—1—Este trabalho no jardim é uma cidade.

J. A. LIMA.

A decifração do logógrifo do numero antecedente é *Hierosolyma*.

Typ. da «Gazeta do Araçajú» «a de Itaporanga numero 20.